Homens, pés e desejo: notas etnográficas sobre a performance da adoração no fetiche da podolatria masculina, no Brasil e nos Estados Unidos

Men, feet and desire: ethnographic notes on worship performance in male foot fetish in Brazil and the United States

Ribamar José de Oliveira Junior

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/8828>

DOI: 10.4000/pontourbe.8828

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Ribamar José de Oliveira Junior, « Homens, pés e desejo: notas etnográficas sobre a performance da adoração no fetiche da podolatria masculina, no Brasil e nos Estados Unidos », *Ponto Urbe* [Online], 27 | 2020, posto online no dia 28 dezembro 2020, consultado o 30 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/8828> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.8828>

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 dezembro 2020.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Homens, pés e desejo: notas etnográficas sobre a performance da adoração no fetiche da podolatria masculina, no Brasil e nos Estados Unidos

Men, feet and desire: ethnographic notes on worship performance in male foot fetish in Brazil and the United States

Ribamar José de Oliveira Junior

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 05/04/2020

Aceitação / Accepted 09/08/2020

“Como gozar usando um pé?”¹

(Mattoso 1986)

Introdução

- ¹ No dia 27 de março de 2020, o Papa Francisco, pela primeira vez na história milenar da Igreja Católica, rezou sozinho na praça de São Pedro, no Vaticano, para dar benção de indulgência plenária aos católicos diante da pandemia do coronavírus que iniciou em 2019, em Wuhan, na China, e se alastrou de modo exponencial pelo mundo todo em 2020. Na ocasião, houve uma cena que contextualiza como ponto de partida algumas das questões que atravessam as reflexões desta pesquisa, o Papa beijou os pés da imagem de Cristo crucificado. O ato, conhecido como “beija-pé”, é uma saudação do protocolo papal que mostra sentimentos de adoração e veneração. Na liturgia, pode

estar embasado na frase de Isaías (49:83): “Reis... lambeirão o pó dos teus pés”. Assim, o termo “adoração”, associado a teologia clássica, funciona como um culto oferecido somente a Deus.

- 2 Desse modo, não espero começar a pesquisa na liturgia de Santo Agostinho sobre a ereção e a libido, pois estamos com Preciado (2009) sobre a história do método limpo dos santos padres de fechar o corpo e impedir o gozo com a pele, nossa maior órgão, e com Foucault (1988) sobre a captura do sexo por um certo mecanismo capaz de fazer dizer a verdade de si na medida em que a verdade dos outros tece um jogo entre prazer e saber, no que diz respeito ao dispositivo da sexualidade. O que procuro com a comparação da adoração, diante do ato ritual da cerimônia “beija-pé”, é perceber se há uma relação com a *performance da adoração* no fetiche da podolatria masculina que consiste em ter prazer em tocar, lambe e cheirar pés. Distante de tecer uma historização do desejo por pés masculinos, visto compreender a lógica da dominação e da sujeição a partir dos modos e dos meios de vivenciar o fetiche, sobretudo, na expansão da imaginação sobre as práticas do desejo nas quais Foucault (2004) atrelou a dessexualização do prazer. Afinal, “eu penso que o S/M² é mais que isso, é a criação real de novas possibilidades de prazer, que não se tinha imaginado anteriormente” (Foucault 2004:5).
- 3 Assim, este trabalho busca apresentar uma etnografia *on-line* e *off-line*, no horizonte metodológico de Pelúcio (2016), das práticas do fetiche da podolatria masculina por meio das interações, dos significados e das expressões nos perfis do Instagram e nos grupos do Facebook, levando em consideração os enredos entre dominação, submissão e adoração, no Brasil e nos Estados Unidos. A análise se concentra no primeiro país, estando o segundo país apareça como um desdobramento das observações *on/off* e do diário de campo produzido. Desse modo, foram analisados 55 questionários realizados pelo Google Forms³ e aplicados com 12 perguntas, além disso, cada relato foi abordado a partir do próprio universo conceitual dos interlocutores em campo, diante das categorias êmicas, sem deixar de lado, no entanto, a fundamentação teórica em torno do fetiche, da sexualidade e do desejo. “Numa infindável busca pelos recursos da língua para entender o que é viver, o que é ter um corpo, o que é ter uma carne que deseje diferente, estranho, bizarro, distinto” (Albuquerque Junior 2013:246).

Notas etnográficas: um percurso sensível *on-line* e *off-line* pela produção do prazer

- 4 Quando tudo isso começou, para refletir com Pelúcio (2020), eu estava mais em busca de homens do que pés. Interessava-me compreender a produção do desejo na rede em torno do fetiche da podolatria masculina *on-line* e *off-line*, nas associações das comunidades do Facebook e no fluxo dos perfis do Instagram. Para isso, acompanhei de março de 2019 a março de 2020 interações e sociabilidades nas mídias digitais e utilizei minha conta pessoal na busca de perfis que utilizam as redes sociais para o encontro e a prática entre os usuários fetichistas. Por meio da interlocução direta com os usuários que mantinham os perfis, anunciei-me como pesquisador da área de gênero e sexualidade com o foco em fetiche e desejo no recorte da podolatria masculina. Logo, fui questionado por alguns usuários se eu também era podólatra, como se para eles a pesquisa apresentasse também uma forma de compreender o meu desejo na medida em que compreendia o desejo dos mesmos.

- 5 Desse modo, acredito que responder essa questão era importante não só para mim como para eles, pois talvez pelo fato de ser podólatra, constituir outro perfil para a pesquisa nas mídias digitais que eu já utilizava antes, não me parecia necessário, tendo em vista a importância de trabalhar o lugar do pesquisador em relação ao campo. Entretanto, tive questionamentos semelhantes aos que Pelúcio (2016) teve durante a sua pesquisa sobre aplicativos móveis para relacionamentos afetivo/sexuais: “como se anunciar da melhor forma?” (Pelúcio 2006:311). Embora tenha usado meu perfil pessoal, avaliei como eu desejava me mostrar para os outros através do diálogo na medida como poderia ser visto, tendo em mente a possível “avaliação” dos meus próprios pés como entrave fundamental. Assim, considereei como importante destacar dentro das questões metodológicas o que Parreiras (2008) pontua no fluxo dos momentos na sociabilidade *on-line* e *off-line*.
- 6 À vista disso, Pelúcio (2016) destaca que a pesquisa por mídias digitais tornou mais compreensível a vida íntima, tanto expandindo os contornos investigativos antes interpelados pelos estorvos morais e da exibição face a face, como alterando o contato mediado que expandiu a pesquisa em rede, acrescentando o número de sujeitos envolvidos e as possibilidades exploradas no campo. Assim, abordo que a podolatria como prática encontrou uma camada de expressão significativa na internet, o que demandou da minha parte negociar fronteiras entre segredos, confiança e profissionalismo. No entanto, nesta pesquisa não tive necessidade de sustentar conversas pela própria interação com os interlocutores que agem de modo direto na busca da prática do fetiche. Poucas vezes, fui além do questionário com diálogos sobre desabafos ou confissões, não que fosse uma restrição minha, mas pela dinâmica do próprio ambiente que envolve a prática, o ato de apresentar o intuito da pesquisa e enviar as questões já gerava uma colaboração qualitativamente expressiva.
- 7 Aos poucos, percebi-me enlaçado por pegadas desejanter de pés masculinos de todos os tipos e tamanhos, compreendi que em alguns momentos no fluxo *on-line* e *off-line* acabei sendo um interlocutor ao responder algumas demandas dos participantes, a exemplo de quando em um momento *on-line* um dos usuários disse que participaria da pesquisa para ter acesso ao resultado científico sobre o desejo dele, ou, de quando em outro momento *off-line* um jovem massageando meus pés me pergunta quem sou e do que gosto. Pelúcio (2016) explica que a etnografia *on-line* não possui território próprio, mas apresenta perspectivas codificadas não deslocadas dos códigos de sociabilidade *off-line*. Não consegui atuar como *lucker*, submergindo de modo silente pelas redes sociais, pois precisei negociar minha entrada e todos os meus diálogos iniciais em campo. Assim, como explica Leitão e Gomes (2017) sobre a discussão metodológica em ambientes digitais, encarei três sensibilidades etnográficas: as perambulações, os acompanhamentos e as imersões, mediante o campo e as estratégias adotadas. Ao todo, foram elaboradas 12 perguntas, a técnica com a utilização de balões abertos auxiliou no levantamento de dados quantitativo e qualitativos.
- 8 Na perambulações, percorri fluxos das *hashtags* *#malefeet*⁴ e *#malefeetworship*⁵ e das imagens no Instagram, rede social de trânsito árduo e fugacidade estável, que trouxe questões metodológicas referentes a ética da pesquisa diante de tal panorama, pois o que estava em jogo era a intencionalidade dos usuários que produziam as imagens e a forma de me estabelecer como pesquisador em ambientes de rápido movimento de conteúdo. Então, as sociabilidades ocorreram de modo difuso ainda que eu pudesse seguir perfis existentes de modo direto, a pesquisa começou pelas interações que se

deram através do engajamento de *tags* ligadas ao fetiche da podolatria, explicitando o desejo de articulação com o outro pelo interesse da pesquisa.

- 9 Nos acompanhamentos, rastreei os espaços quando a etnografia se estendeu para um encontro presencial por meio do convite de um dos usuários norte-americanos seguidos na cidade de Nova Iorque, foi o caso de navegar com os interlocutores para o ambiente *off-line*. Foi o momento em que os parâmetros metodológicos da pesquisa multissituada utilizados por Miskolci (2017) na técnica da “observação acompanhante *on/off*” deram suporte à etnografia. Em tal desordem, ressalta Leitão e Gomes (2017), é que as conexões seguidas são resultado tanto das práticas quanto dos agenciamentos dos ambientes digitais. Nesse sentido, cabe destacar a agência através do que Segata (2014) aborda sobre o conjunto de ações resultantes da associação que, nesta etnografia, acontece entre humanos e não humanos, a exemplo dos usuários iconizados pelo registro do próprio pé e dos tênis e meias que agem como resultado das práticas, interpelando a produção de subjetividade sobre o fetiche.
- 10 Nas imersões, ocupei lugares entre a fantasia e o fetiche. Acredito que teve um momento importante no qual a minha condição foi revisitada mediante o resultado das práticas em agência, quando um dos jovens que participam do momento *off-line* pergunta se eu estou gostando do cheiro das suas meias enquanto estou agindo na adoração do pé dele. Foi a situação em que o questionário voltou para o etnógrafo, na forma como se as respostas para as questões já estivessem dentro de mim, atravessado pelo desejo desejado pelo interlocutor. Naquelas interações, pude perceber como os homens subjetivam o fetiche dentro nas performances e nos espaços possíveis para a prática em *off*. O diário de campo, como instrumento apontado por Leitão e Gomes (2017), apareceu nas notas das sensações e das impressões que rompem com o fluxo imagético e discursivo, dos registros de captura de tela, e adentram as experiências acessadas por outros meios.
- 11 Nesse sentido, cabe refletir com Segata (2014) de pensar a etnografia a partir da relação entre a comunicação e a antropologia, principalmente, porque o autor destaca o “efeito Latour” de que a rede em si é performática e não ontológica, diante disso, ele traz o termo “netnografia”⁶ para designar a prática da etnografia da internet. De tal modo, procurei descrever associações pela etnografia na busca de alcançar a performatização social, pois os praticantes do fetiche da podolatria em rede são o que são em ação.

Fetiche, contrassexualidade e BDSM: a podolatria nos desejos digitais

- 12 Em uma leitura interessante da poesia marginal de Glauco Mattoso, Facchini e Machado (2013) correlacionam a literatura do autor com a apropriação das categorias sadomasoquismo e/ou BDSM que têm perpassado o Brasil desde, pelo menos, o início da década de 1980. A autora aborda a passagem dos anos 1970 para os 1980 através da rede composta por atrelamentos entre praticantes de *fetichismo*, do BDSM ou *troca de casais*, e ativistas tanto feministas como engajados na luta contra o regime militar pela liberação sexual diante das convenções de gênero e sexualidade no contexto brasileiro. O que procuramos no pensamento das autoras é compreender o importante papel da internet a partir de meados dos anos de 1990, para, em seguida, articular o período da segunda metade dos anos 2000 em que os usuários buscavam salas de bate-papo de *fetiche* no

portal Terra e de *sadomasoquismo* no portal UOL, mas a energização desse procedimento advém com as mensagens instantâneas e as listas de discussão por e-mail.

- 13 De tal modo, trago o detalhe de que “nada ocorre apenas na internet” (Zilli 2018:19), uma vez que a sociabilidade digital percorre a continuidade entre *on-line* e *off-line*. Para Zilli (2018), que procura descrever e substanciar a internet como campo de pesquisa nos debates de gênero, sexualidade, regulação da liberdade de expressão, não há lógica em separar um ambiente do outro como se as relações virtuais fossem menos reais do que as presenciais. Como a pesquisa adentra as expressões do S/M no Brasil e nos Estados Unidos, abordo o que Gregori (2008) discute como erotismo politicamente correto ligado aos defensores das minorias sexuais de gênero no contexto brasileiro, enquanto confrontado à diversidade de manifestações das mesmas práticas no contexto norte-americano visíveis desde os anos de 1970.
- 14 Nesse sentido, acredito que a podolatria *on-line* faz parte de uma das formas possíveis da arte de se traduzir, como enfatiza Segata (2008), as corporalidades e o gênero no ciberespaço com foco nas performatividades e nas multiplicidades de agências. Se Zilli (2018) e Facchini e Machado (2013) tomam as experiências analisadas como paródias, penso em uma convergência com o pensamento de Butler (2016) sobre a paródia de gênero e as *performances da adoração* na prática. No caso do fetiche da podolatria masculina, percebo que há uma construção performática que parodia uma hierarquia dentro do espectro de masculinidades, moldadas por um repertório convencionado ao fetiche e moduladas pelas sociabilidades dos homens que praticam em ambientes *on-line* e *off-line*. Assim, explano que os homens experimentam a si através das mídias digitais fazendo um uso criativo das plataformas de interação, como explicam Leitão e Gomes (2018), através das tecnologias que aparecem como agenciadoras dos processos de subjetivação.
- 15 Como analisa Pelúcio (2016), há uma sensível mutação social do presente diante do uso avivado dos aplicativos móveis para relacionamentos, o que advém sobre os horizontes dos desejos sexuais e afetivos caracterizados pela negociação sexual e de gênero e pelo exercício tecnológico. O que dialoga com que Miskolci (2017) traz como a construção social do desejo diante da agência dos sujeitos desejantes, sobretudo, pela forma como negociam os prazeres por meio das ações nas redes sociais, tanto do Instagram como do Facebook. Porém, no caso da podolatria masculina *on-line*, acredito que a busca pelo outro não seja mais valorizada do que o encontro em si, ainda que os motivos pelos quais isso apareça não sejam determinantes; parece que o desejo atravessado pelo fetiche procura no virtual apenas um caminho mais seletivo para a busca efetiva da prática.

Imagem retirada de uma das cenas de um vídeo site My Friends Feet⁷, voltado para podolatria masculina em rede.

- 16 Assim, penso sobre a internet ser “o principal local de sociabilidade em que podiam expressar seus desejos e conhecer pessoas em situação similar, e, sobretudo, porque nela imaginavam ter total controle sobre as relações” (Miskolci 2017:135). No caso da podolatria masculina *on-line*, as expectativas são construídas mais virtualmente do que face a face, ou melhor, pés a pés e o flerte acontece por meio da falta do rosto, geralmente, através da presença do pé de quem é desejado. É como se o desejo fosse mais do outro e, por isso, aparece desejado e desejante. Os ambientes *on-line* e a rede tecida pelo sujeito que se encontra conectado viabiliza uma articulação possível para o ato e o desejo, em simultaneidade. O interessante, no caso da podolatria, é a forma como os homens acabam sendo anônimos em si mesmos na visualidade do artifício do pé, a busca restrita pelo fragmento do outro revela apenas em segunda instância a busca pela totalidade, podendo estar atrelada à percepção de suspeita e de risco pelo compartilhamento do “perigo” da perversão. É o que Miskolci (2013) chamou de “armário para dois”, quando a relação iniciada pelo contato da internet cria a situação de ampliar o armário que ainda persiste no controle da sexualidade nas mídias digitais.
- 17 Para Butler (2016) as práticas sexuais que abrem superfícies à significação erótica no contexto homossexual reinscrevem as fronteiras do corpo nas novas linhas culturais, assim penso como a construção do fetiche acontece em fantasia quase que concomitante à construção do gênero masculino na materialidade da performance da adoração. Portanto, se para Preciado (2014) a contrassexualidade define a sexualidade como uma tecnologia do corpo, penso nos imbricamentos que perpassam as formas de saber-prazer alternativas, no caso, da podolatria masculina entre os fluxos, os fragmentos e as maquinarias e as redes. Embora não acredite que o fetiche, de fato, desconstrua a naturalização de práticas sexuais e do sistema de gênero, penso que o ato pode conter um horizonte contrassexual possível de desconstrução. Assim, o fetiche da podolatria masculina parece ressituar a construção social do corpo sexuado por meio de outras estratégias e outro sistema tecnológico diante das redes pornográficas (Preciado 2018).
- 18 De Freud a Preciado, Porchat e Godeguez (2017) procuram fazer reflexão sobre o que seria a disposição perversa polimorfa com a sexualização total do corpo, levando com

consideração a pulsão sexual e o discurso heterossocial. Se para Freud (2016 [1927]) o fetichismo é uma preservação do que o menino acredita ser o falo da mãe, na idealização do objeto fetiche, dentro da concepção do Édipo, Deleuze e Guattari (1976) revelam que o inconsciente se dá para além do individual-familiar, alcançando a exterioridade, “não delira sobre o papai-mamãe, ele delira sobre as raças, as tribos, os continentes, a geografia sempre num campo social” (Deleuze Guattari 1976:45). Talvez, seja o que Bourcier (2014) queira dizer quando enfatiza que para Freud o fetiche seria algo que se daria entre os homens.

- 19 Assim, ainda na esteira de Porchat e Godeguez (2017), os autores citam Safatle (2015) que menciona a gênese do fetichismo pelos pés em uma explicação de Freud para demonstrar como o olfato acaba reprimido e o odor apenas parcialmente recalcado. Só que nesse caso, Safatle (2015) relaciona o odor como objeto pulsional ou erotismo anal para ocorrer o recalco, o que se distancia da questão sexual por parte do que informaram os interlocutores. Se, para este autor, os pés passarão por um “desafecção” para serem idealizados, como explicar o que os interlocutores sentem pelas “eróticas do nojo”, como aborda Diaz-Benitéz (2015)?
- 20 Por conseguinte, considero a leitura performática de Diaz-Benitéz (2015) sobre o que poderia ser o espetáculo da humilhação, na medida em que a autora menciona a construção de uma hiper-realidade por meio das eróticas do nojo e da relação entre dominação e sujeição na composição do fetiche. Diante da podolatria feminina na pornografia, Diaz-Benitéz (2015) considera o fetiche “um ato de dominação/sujeição leve, no qual o escravo beija, lambe, acaricia seu próprio rosto, se devota às atenções ao pé da dominadora, sendo o pé o fio condutor de práticas que mobilizam prazer para ambos os envolvidos na relação” (Diaz-Benitéz 2015:66). Na encenação, a autora mostra que o pé domina com violência a subjugação de um escravo que recebe o ato desgostoso de modo obrigado, na lógica da humilhação.

OUTRA IMAGEM DE UMA DAS CENAS DE UM VÍDEO DO SITE MY FRIENDS FEET.

- 21 Assim, como é possível perceber pelos relatos dos interlocutores há dois tipos de prazeres, na perspectiva da produção da humilhação de Diaz-Benitéz (2015): o prazer pela situação em que a hierarquia é erotizada e prazer pela dor em si que está ligada aos fragmentos que ganham sentido pelos usos dos movimentos de sujeição entre as línguas

e os pés, da língua que lambe um pé sujo ou com chulé, por exemplo. É curioso perceber que a forma como os consumidores de pornografia demonstram “gosto por chulé sabem que a produção não pode transmitir diretamente o cheiro característico do chulé, mas exigem que o pé esteja úmido e amassado, de modo que possa transmitir visualmente essa sensação” (Díaz-Benítez 2015: 70), o que parece muito a forma como os usuários em rede explicam os modos de dominação e os usos materiais do fetiche.

- 22 Quando perguntados sobre o que significa adorar os pés de um homem, a maioria dos interlocutores ressaltam o desejo de submissão, embora muitos também destaquem o desejo pela dominação do desejo do outro. Foram utilizados alguns verbos na procura do significado que aparecem na ação: “adorar”, “idolatrar” e “obedecer”. Como explicação, o interlocutor 7 disse que o desejo que sente aparece atrelado ao tesão por estar aos pés de um homem: “maravilhoso, dá uma sensação de superioridade e que as pessoas que rastejam aos meus pés”. No ato propriamente dito, quando perguntado sobre qual o prazer de ser dominado se o fetiche estiver atrelado à dominação, o interlocutor 12 descreve o fetiche em “sim, dominação, a sola dos pés do homem ...geralmente ele usa para esmagar algo, um inseto etc....”. De forma mais sintética, o interlocutor 20 explica que o significado do fetiche aparece como “uma demonstração de que existe um para servir e outro pra ser servido”.
- 23 “Na minha opinião todos os fetiches se conectam de alguma forma basta observar mais a fundo, e sim, quem é dominado geralmente sente a necessidade de ter aquela figura imponente e máscula para servir e muitas vezes sabe que não poderia ter algo além com um certo tipo de homem e servindo é a melhor forma de demonstrar isso, mas claro que essa é uma das diversas linhas de pensamento quando se trata deste assunto”, continua o interlocutor 34. No mesmo pensamento, o interlocutor 28 destaca sobre a adoração: “significa disponibilizar seus pés a alguém que os adore, os idolatre, que os trate como algo cobiçado, como se fosse um bem, uma posse! A adoração envolve, a meu ver, várias práticas, como amar ou desejar muito o cheiro, lambe, beijar, fazer massagem, apenas observar ou simplesmente ficar perto ou próximo/embaixo dos pés da pessoa/parceiro”.
- 24 Além das sensações, os interlocutores, 37 e 25, também destacam as afetações e os enredos da dominação e da submissão na narrativa do tesão. “Sim. Está atrelado à dominação também. Não sei explicar a questão do prazer. Talvez de poder sentir o homem por inteiro no sexo, sentindo seu cheiro, sabor...” e “sim, está. Se sentir inferior, dominado ou mais fraco que o dominador. Estar em um momento onde é seguro ser vulnerável e onde se abre a mão do controle”. Ainda, foi destacado que a expectativa da submissão conduz a adoração pela forma com que o dominador solicita o dominado: “sim. O prazer de ser dominado está na curiosidade sobre o que espera ser pedido pra fazer”. Em uma sequência de atos, o fetiche também “significa fazer diferentes práticas com os pés da pessoa: beijar, cheirar, lambe, chupar, massagear, ser pisado, se masturbar fazendo tais atos ou de apenas olhar (no caso de fotos e vídeos)”, ressalta o interlocutor 16.
- 25 Apesar de alguns interlocutores destacarem que a prática do fetiche está atrelada à dominação, alguns contam que não necessariamente torna o fetiche um elemento no ato sexual, ainda que outros destaquem que sim. “Ter alguém que queira ter os seus pés como objeto de finalidade sexual”, como explica o interlocutor 41. É interessante perceber que quem domina também tem prazer em sentir que está dando prazer para alguém, não somente quem adora o pé sente isso. “É um sentimento de estar dando

prazer a alguém. Com meus pés e cheiro deles. Ao mesmo tempo é um sentimento de dominação. Da pessoa estar aos meus pés”, explica o interlocutor 23. As formas também compõem as eróticas do fetiche: “Nunca pensei em um significado para isso. Mas acho que está atrelado a uma admiração em geral pelo corpo e nu masculino que eu possuo, atrelado a um sinal de masculinidade, de apreciação das formas mais brutas e traços mais retos do corpo masculino”, conta o interlocutor 39.

O homem com pé tamanho 44, de meias e com chulé: o fetiche da podolatria *on-line* no Brasil

- 26 Para tanto, foram ordenadas as perguntas sobre os primeiros dados qualitativos diante do perfil geral do usuário: estado em que reside, a idade e a sexualidade. Logo depois, o questionário propôs a exploração perceptiva do fetiche ligada ao desejo e ao prazer: como percebeu que possuía o fetiche e qual a relação com a sexualidade. Continuando por meio dos significados da prática, foram constituídas questões que fizessem analisar os elementos objetivos e subjetivos na relação estabelecida entre dominador e dominado em performance: o que significa ter os pés adorados; qual a preferência pelo tamanho dos pés (numeração); no que influencia para você o uso de meias ou não; há alguma maximização do prazer quanto os pés estão com o cheiro de chulé; se a prática está atrelada à dominação e qual o prazer de ser dominado; e o que significa curtir os pés.
- 27 Desse modo, após a análise e a interpretação dos dados, 54 questionários foram tidos como legíveis pela condição de preenchimento e apenas um apresentou ilegibilidade pela forma como foi preenchido o campo solicitado na questão. Portanto, foi possível perceber que dentre os 15 estados do Brasil que aparecem nas respostas, entre São Paulo (24), Rio de Janeiro (6), Minas Gerais (5), Paraná (3), Rio Grande do Norte (2), Distrito Federal (2), Mato Grosso do Sul (1), Santa Catarina (1), Acre (1), Pará (1), Paraíba (1), Bahia (1), Ceará (1), Pernambuco (1) e Rio Grande do Sul (1), o estado de São Paulo foi o que mais expôs a localidade dos usuários nas interações das redes sociais, seguido do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e do Paraná.
- 28
- 29 Em relação à idade dos usuários, foram separados quatro eixos entre elas, dispostas em: 18-29 anos (38), 30-39 anos (9), 40-49 anos (5), 50-56 anos (2). Assim, diante da classificação da faixa etária, analiso que o público que mais interage nas redes sociais, em grupos e em perfis sobre as práticas da podolatria masculina, são jovens e jovens adultos. Já sobre a sexualidade, a maioria desses homens são homossexuais (38), embora o fetiche também seja praticado por bissexuais (7) e heterossexuais (7) que apresentaram números iguais. A pergunta sobre sexualidade ainda gerou algum tipo de confusão sobre o tema, recebendo respostas como “masculino” ou “homem” (2), desse modo, ficaram caracterizadas como “outros” na interpretação de dados.
- 30 Nesse aspecto, ainda vale considerar alguns destaques em relação ao fetiche. Foi mencionado em grande escala que não há uma relação restrita com o ato sexual, muito menos com a sexualidade. Por exemplo, há uma fala importante do interlocutor 6 quando diz: “meu fetiche vem antes do sexo”. Apesar da maior parte dos participantes do fetiche ser homossexual, há uma quantidade considerável de homens bissexuais e de heterossexuais que coincide na etnografia. Por outro lado, o interlocutor 21, por

exemplo, menciona que há uma relação entre o exercício da sexualidade e a produção de desejo do fetiche “total, sem podolatria não há interessante sexual pleno”. Sendo inclusive o pé um dos atrativos principais na escolha do parceiro, como aludem outros interlocutores, a exemplo do 5 e do 13, respectivamente, “ter os pés atrativos influência diretamente na escolha do parceiro com quem quero ficar” e “é parte fundamental e rege 80% das minhas vontades e relações sexuais”.

- 31 Assim, no caso dos homens heterossexuais e bissexuais, há uma relação paradoxal de tanto reprodução de algumas normais sexuais e de gênero como de subversão de determinadas práticas. É o que destacam os interlocutores 2 e 3, simultaneamente. “Para mim não interfere, pois apenas curto os pés. Com relação ao sexo prefiro mulheres mesmo” e “nenhuma, pois sou heterossexual e casado com mulher, gosto que outros caras lambam a sola dos meus pés como sinal de obediência, como o prazer de esmagar um inseto embaixo deles ou ver outro cara esmagando, mas não tenho desejo sexual pelo órgão sexual do cara”. Apenas o interlocutor 19 ressalta “tenho tesão por pés femininos e masculinos”.
- 32 Vale destacar que o pé aparece como elemento que pode cativar mais durante o flerte, como explica o interlocutor 41, “sempre quando observo um homem, uma das primeiras coisas que eu presto atenção nele é se tem mãos e pés bonitos, ‘haha’! Vejo que tem uma relação bem grande. Prefiro curtir um bom pé do que praticar sexo casual”. Diante disso, percebo que o ato de adorar aparece com mais frequência, principalmente, na relação que possa existir entre dominação e submissão nessa prática, como no relato do interlocutor 10, “hoje é o meu fetiche favorito. Me admira um pé masculino. De diversos modelos e jeitos. Mas me apetece mais vê-los calçados de tênis e me imagino tirando seus calçados, cheirando a meia e chupando seus pés. Minha excitação vai além do cara colocar a meia no meu nariz, meio que forçando a cheirar. Essa dominação com pé e meia é muito excitante”.

- 33 De tal modo, a internet aparece no relato do interlocutor 5, como um meio digital que compõe a construção do desejo dele. Mas, antes mesmo do advento da internet é possível perceber outros modos de subjetivar o desejo por meio de outras técnicas, a exemplo do relato do interlocutor 42, quando ele conta que “quando era criança tinha o costume de sempre observar os pés masculinos em fotos de revistas ou catálogos de calçados etc. Até que comecei a cortar as fotos dessas revistas e meio que ‘coleccionar’ essas imagens, dava preferência a homens famosos”. No mesmo sentido dessa fala, outro usuário relata que descobriu o fetiche através dos “programas de TV”, a exemplo do interlocutor 34. Assim, as mídias parecem fazer parte da subjetivação do desejo e, por assim dizer, da sua construção social também. Hoje, é possível perceber duas modalidades dentro do próprio fetiche da podolatria que dialogam com a lembranças da infância, é o caso do “*crush fetish*”⁸, desejo pelas coisas sendo esmagadas por pés e o “*famous feet*”⁹ gosto pelos pés de homens que são famosos ou celebridades, quase sempre, envolvendo cenas televisivas¹⁰ ou cinematográficas¹¹ em que o ator representa atos cotidianos como calçar um tênis, retirar uma meia ou ficar descalço. É o caso das fotos também: “observava muito os pés dos outros e quando achava eles bonitos isso me excitava de certa forma. Ver fotos de homens de chinelo ou descalço, observava os pés de amigos, familiares e desconhecidos na rua”, diz o interlocutor 30.
- 34 Talvez por isso, de modo curioso, o Instagram como rede social de fotografia apareça como um ambiente *on-line* significativo para a subjetivação dos fetiches podólatras, uma prática que valoriza tanto os outros sentidos como o tato, olfato e paladar. Assim, acredito que isso aconteça devido ao cruzamento de sentidos que operam no fetiche, no qual pude vivenciar no ambiente *off-line*, pois para adorar um pé vale primeiro observar e/ou cheirar, dependendo das variantes de cada podólatra, para depois lamber. Há uma forma de acessar o prazer emaranhada pelos sentidos, no qual a visão e o olfato operam antes do paladar, nesse sentido, no ambiente *on-line* a visão prevalece na subjetivação do fetiche pela visualidade do pé, através das fotos da parte do corpo e dos vídeos retirando meias e calçando tênis, enquanto no *off-line* o olfato pode intensificar a visão na produção do prazer ligado ao cheiro que alcança o sentido pelo odor e abre a visão para o olfato. Porém, cada ressaltar que isso acontece de modo individualizado, levando em consideração o que afeta cada sujeito.

- 35 Outro interlocutor atribui o fetiche às primeiras memórias da infância, concluindo que tal percepção foi “sem dúvida algo nato”, como foi o caso do interlocutor 8, e isso aparece de forma evidente quando o interlocutor 24 descreve que “desde novo, sempre olhava pra pés e tinha desejo deles, até chupava os meus de tanta vontade”. Diferentemente do pensamento falocêntrico em torno da sexualidade, sustentado pela perspectiva edipiana, os interlocutores 6 e 54 contam, concomitantemente: “quando eu quis ‘bjar’¹² pés ao invés de chupar pênis” e “quando estava dormindo com meu primo ele acabou colando os pés sobre meu pênis. A partir desse momento eu passei a sentir prazer com a podolatria”. Tal problematização, faz pensar a partir da contrassexualidade e da distribuição de prazer na descoberta de outras zonas do corpo, não é que o pé substitui o pênis, pelo contrário, é como se pé fosse desejado pelo fato dele ser o pé com todos os atribuídos idealizados na expectativa do tamanho, do cheiro, da situação e da performance de gênero envolvida no processo de subjetivação.
- 36 De tal modo, o ambiente familiar merece mais um pouco atenção, sobretudo, por dois pontos específicos, o caso do contato mais próximo com a intimidade e com a violência sexual e de gênero. O interlocutor 10 narra algo interessante: “no meu caso começou a desenvolver com 6 anos de idade. Lembro de cheirar as meias e calçados dos meus tios escondidos. Não sabia e nem sei até ‘hj’¹³ porque começou assim. Ainda numa época onde eu abominava a figura masculina, devido meu pai ser um homem violento na época. Depois de adulto, ao ficar com algum rapaz, tentava sempre ou falar com antecedência sobre o fetiche ou surpreender no momento sexual”. Através desse relato, é possível entender que é na instituição da família que o medo atravanca, em uma primeira instância, a descoberta do fetiche ao mesmo tempo que são justamente nas cenas dos momentos familiares que os meninos encontravam uma zona de fuga para expressão do desejo. “Bem pequeno, não lembro a idade, mas sempre admirei e ficava embaixo, cheirando ou massageando os pés do meu pai, mãe, primos, tios e amiguinhos da escola!”, diz o interlocutor 20.

- 37 Ao debruçar o olhar para o símbolo principal do fetiche, o pé masculino, uma reflexão foi importante após as cenas e os elementos perceptivos da descoberta do corpo e do prazer. A maioria dos usuários que compartilham a comunidade da podolatria nas redes sociais possuem um tamanho de pé preferido, embora a medida não seja o sentido único

da prevalência para a execução da prática. Assim, da mesma forma como os fetiches possuem momentos e situações de ampliação do prazer, características físicas do pé desejado também revelam as dinâmicas do desejo. Embora 7 interlocutores ressaltassem que não possuem preferência sobre o tamanho do pé adorado, ainda houve uma média (numeração entre os pés tamanho 36 a 39) e pequena parcela (numeração entre os pés tamanho 45 a 48) que mencionaram por extremos a numeração do pé que aumenta a capacidade de desejar, estando também atrelada à performance de quem tem os pés adorados na medida em que participa da prática do fetiche. Contudo, a maior parcela (numeração entre os pés tamanho 40-44), dentro os números destacados, revela que há uma atração maior pelo pé 44.

EXEMPLOS DE FOTOGRAFIAS PUBLICADAS NOS PERFIS DAS REDES SOCIAIS DO INSTAGRAM.

- 38 “Sinto mais prazer pelo tipo dos pés do que necessariamente pelo tamanho, prefiro pés bem masculinos, com pelos, formato mais rústicos, unhas bem cuidadas, mas sem base, quanto ao tamanho, acho excitante e tenho como um atrativo a mais os pés maiores, exemplo de número 40 a 44 por exemplo”, explica o interlocutor 42. Já outro interlocutor, o 29, fala: “nunca pensei muito nisso, minha relação está mais ligada a formato, cor e desenho. Por exemplo, finos, brancos, dedos grossos, pés grandes, negros, com veias, bem cuidados”. Sobre os pés masculinos tamanho 40-44, vale ainda destacar outros elementos para depois entender o fetiche teatralizado pela podolatria. É o caso da preferência pelo uso de meias ou não. Embora muitos participantes tivessem demonstrado a indiferença pela peça, até mencionando que “meias atrapalham”, bem como diz o interlocutor 37, outros apontam detalhes que revelam os processos de dominação e de submissão no ritual da adoração. “Gosto mais dos pés descalços, fico fascinado pelo tamanho e por pés másculos”, é o caso do interlocutor 23 que prefere a prática “*barefoot*”¹⁴.
- 39 No caso, os usuários responderam que preferem o pé adorado com chulé (28 participantes), embora também possa ser curtido sem chulé (25 participantes). Apenas 1 participante não teve opinião formada no assunto. “Sim, com certeza, muito melhor com cheiro de chulé, parece que é algo íntimo de cada um, algo único que está sendo explorado, e para mim pelo menos é muito prazeroso”, enfatiza o interlocutor 4 enquanto o interlocutor 35 observa de outra forma “detesto mau odores. Gosto de pés limpos, cheirosos, sem nenhum tipo de sujeira seja nas solas ou nas unhas”.

- 40 Os interlocutores 24, 26, 28 e 30, possuem uma fala muito singular: “curto meia curtas acho que fica um tesão a mais tirar a meia”; “é mais excitante tirar os sapatos e depois as meias”; “muito, posso tirar com a boca”; “ajuda no fetiche, pois adoro tirar!”. Para alguns, a meia não passa de um adereço estético, “visualmente só curto meias sociais, porém corro de quem usa tênis sem meia”. Outros interlocutores, como os 31 e 40, possuem uma outra visão das meias: “me deixa excitado, mas desde que estejam limpas e sem cheiro” e “prefiro sem meias, por conta do odor”. As falas dos interlocutores 42 e 52 ressaltam o cheiro ou o aumento do chulé. “Parece que o sabor de cada pessoa é único, embora seja bem parecido, e dispense o uso da meia na hora de curtir o fetiche, parece que isso é um atrativo a mais” e “só se for para aumentar o chulé, mas o cheiro dos pés é melhor sem meias”. Assim, o fetiche pode ser aproveitado com meias (20 participantes), sem meias (18 participantes) e indiferente (16 participantes).

Código 64 em *off-line*: vodca com limonada rosa, pés masculinos e uma tarde em Nova Iorque

- 41 Danbury, Connecticut, Estados Unidos. Era o dia 17 de abril de 2019, parte da etnografia *on-line* e *off-line* já havia sido traçada com o diário de campo nos ambientes, a observação *on/off* e os questionários respondidos. Porém, em um primeiro momento, o recorte da pesquisa ocorreu na coleta de dados pela interação com os membros brasileiros, ainda que tenha ocorrido a expansão para interações sem levantamento de dados com norte-americanos. Assim, percebi a necessidade de levar em consideração as notas de campo experienciadas sobre as práticas dos usuários para a participação em momentos *off-line*, tendo em vista que a minha afiliação ao campo permitia transformar os dados em uma versão mais acabada da pesquisa.
- 42 Ao todo foram quase dez dias nos Estados Unidos, entre o fluxo cotidiano de trem da cidade de Danbury para a cidade de Nova Iorque, lugar em que eu estava hospedado. Alguns meses antes, durante o percurso no ambiente *on-line* de podolatria no Brasil no Instagram, conheci um membro norte-americano que utilizava um perfil sem rosto, apenas com a foto das solas dos pés com descrição no perfil de tamanho 12 ½, padrão americano de medida de pés, o equivalente a tamanho 44/45 no Brasil. A partir das interações e sem interesse direto em participar da pesquisa ao receber o questionário, ele me sugeriu a participação em um evento que aconteceria três dias depois em Nova Iorque, no qual eu poderia vê-lo sem saber ao menos o seu nome, apenas as características dos seus pés registradas na rede social.
- 43 Era a “FootMenNYC Party”¹⁵ que acontecia há 11 anos na casa de um anfitrião. Em 2020, a festa celebrou 12 anos. O perfil me enviou o site do evento para maiores informações e uma possível demonstração de interesse em participação, havia o detalhe de que o evento era limitado e muito disputado com a presença de pessoas que já tinham determinada frequência e algum reconhecimento com a prática do fetiche. Era o momento em que iria se expandir as notas do diário de campo para os momentos *off-line*. A minha participação no evento aconteceu no dia 20 de abril de 2019. Interessante perceber que ao acessar novamente o site¹⁶ para a versão acabada das notas etnográficas *on-line* e *off-line*, os organizadores anunciam uma pauta por conta do Covid-19 e apontam possíveis datas dos encontros em abril de 2020, em cada sábado do mês, nas datas de 4 com sessão extra de cócegas, 11, 18 e 25 das 15 às 15h, com aviso de chegada mais propícia às 15h30min. O e-mail para solicitação de participação no evento continua o mesmo. Era à 0h59 do dia 17 de abril do ano anterior que eu entrava em contato com o anfitrião e/ou *host* chamado de Peter.
- 44 No corpo do e-mail era preciso decidir a data do evento, na qual eu havia escolhido dia 20, o nome completo e o porquê da presença na festa e, assim, demonstrei o interesse pessoal e a familiaridade com algumas das perguntas do site. A resposta do e-mail chegou com apenas algumas horas, às 02h52min, solicitando uma foto minha de rosto, pois isso era um requisito para os novatos do evento. Foi alertado que a foto não seria salva pela privacidade do evento, apenas para o envio do convite após aceite. No mesmo dia, às 12h24min, envio a foto e apenas cinco minutos depois recebo o convite que alerta leitura cuidadosa com o acesso à residência da festa. No convite, um código para acesso antes da entrada no terceiro andar após subida pelo elevador: “código 64”, após

identificação pelo interfone. O evento promete *drinks*, suco, água, gelo e baganas com uma doação voluntária de 20 dólares.

- 45 No dia da festa, algumas horas antes, 13h, recebi novamente a confirmação para participação. Confirmado, segui para o bairro Hell's Kitchen, traduzido como "cozinha do inferno", o apartamento está em Manhattan entre o escuro Rio Hudson, curso de água entre as cidades de Nova Iorque e Nova Jersey. Não tive tanta dificuldade em encontrar o endereço pela facilidade manual do aplicativo *Google Maps*¹⁷. Desço algumas estações de metrô, cruzo a movimentada Times Square e após chegar em uma rua com prédios de pequeno e médio porte, encontro um pouco mais à frente, o ponto onde está acontecendo a festa. Com um pouco de receio, aperto o número do apartamento. Uma voz grossa se identifica, em seguida, eu me identifico com a pronúncia do código 64. Chego no horário marcado, um pouco antes das 15h30min. O portão destrava, subo algumas escadas e o piso de madeira faz barulho a cada passo dado com minhas botas.
- 46 O imóvel é de pequeno porte, possui uma cozinha, uma sala de estar com uma grande janela que estava fechada por persianas brancas, um banheiro e um quarto. Na lateral esquerda, a cozinha, na frente, a sala, na lateral direita um curto corredor que finda no banheiro e, em uma pequena curvatura entre a sala, o quarto de Peter. Em sua maioria, a festa conta com a presença de homens brancos e negros entre 20 a 50 anos. Peter é um homem branco, com cabelos brancos, olhar receptivo e jeito prestativo. Como anfitrião, ele não interage com os demais homens, ou seja, não participa das práticas podólotras que estão acontecendo dentro da sua própria casa. Talvez, ele seja um *voyeur*¹⁸.
- 47 Dois goles de vodca, o primeiro contato. Um jovem negro, alto, sorridente e com botas atadas, me pergunta quem sou e do que eu gosto. Não tive como observar os pés dele. Após a breve apresentação, ele pergunta se pode tirar minhas botas para massagear os meus pés, sinalizo que sim. Não devolvo a pergunta, apenas pergunto se mora perto dali e o que faz. Ele responde que é cozinheiro. Sentado no sofá, eu estiro minhas pernas e apoio os meus pés nas coxas dele que retira primeiro a bota esquerda e cheira, depois retira a bota direita e também cheira. Com expressão de satisfação, ele menciona que os cheiros dos meus sapatos estão bons, no sentido de que estavam propícios para a prática. Apesar de tenso, tento relaxar com a massagem que começa com meus pés cobertos pelas meias. Ele pergunta há quanto tempo estou usando aquele par, eu digo que há três dias seguidos e faz uma massagem em meus pés, nesse momento *off-line* percebi mais do que no ambiente *on-line*, o que Perlongher (1987) chama de "tensores libidinais" na prática da podolatria que podem mercar classificações e estimulações diante das fugas desejantes.
- 48 Após esse contato, outro gole, procuro interagir. Olho para os lados e encontro um jovem branco, alto, barbado, um pouco nervoso também e de meias brancas. Tento fazer a mesma pergunta que o jovem anterior havia me feito, no sentido de adentrar o ambiente *on-line*, só que dessa vez eu não tinha um perfil na projeção da tela, apenas sensações, cheiros e odores no contato da pele do ambiente *off-line*. O jovem fala que é a primeira vez no evento, mas que curte o fetiche há algum tempo. Naquela época, ele conta que cursava Medicina na Universidade de Boston. Para continuar a interação, pergunto se posso massagear seus pés. Ele imediatamente responde que sim, segurando um copo de vodca na mão. Não demora, o jovem se deita no sofá, põe o copo no centro da sala e põe os pés no meu colo. Pergunto qual o tamanho dos seus pés, ele responde "9,5", o equivalente a 41 no padrão de medida brasileiro. Seus pés são largos, grandes e possuem dedos médios. Eu digo que meu pé tem o mesmo tamanho. Ele aprova a

massagem na medida em que faço, proponho a retirada das meias e, antes de fazer isso, levanto o pé esquerdo dele até o meu rosto para cheirar, como o jovem anterior fez, o que pareceu condicionar a expectativa de quem deseja à experimentação diante das eróticas do nojo em Diaz-Benitéz (2015). Cheiro no mesmo local, entre os dedos e a sola do pé. Ele pergunta se o cheiro está bom, sem saber ao certo o que dizer, digo que sim pelo chulé nas meias.

- 49 Por um momento, coloco-me mais como podólatra do que como etnógrafo pelo jogo de prazeres na comunidade do fetiche e nessas performances em que eu adorei e fui adorado. Assim, observo que os homens envolvidos naquela festa têm como processo de abordagem uma espécie de ritual próprio na medida em que conversam sobre suas vidas e o seu cotidiano. Foi possível perceber que os homens que estão descalços já tiveram alguma interação afetiva e/ou sexual, uma vez que eram permitidos beijos, abraços etc. com o consentimento do outro. Os homens que estão com algum tipo de calçado, sejam botas, tênis ou sapatos, ainda vão interagir, estando à espera de alguém específico ou procurando algum parceiro do seu interesse para a prática do fetiche da podolatria masculina. Os homens que estão de meias parecem estar no meio termo, entre a interação espontânea e a espera de um contato mais intenso com alguém específico.
- 50 Diante do ritual atravessado pelo etnógrafo é como se, após a primeira interação, eu tivesse “perdido” o meu cheiro específico, trazido do meu percurso, pelo paladar de alguém que “aproveitou” enquanto eu ainda estava calçado e/ou de meias, isso aparece relacionado ao que Hart (1998) traz sobre a teatralidade. Talvez, após isso, eu consiga mais servir e agradar do que ser servido e agradado, dentro da estrutura que delimita a comunidade do fetiche na economia da conversão em McClintock (1993). Peter continua oferecendo vodca, sucos e água. No final, informo a Peter que o interesse em participar da festa, embora tenha partido do modo pessoal de vivenciar uma outra experiência sobre sexualidade pode me auxiliar na reflexão de um trabalho científico sobre fetiche, sexualidade e masculinidade, com ênfase na podolatria.
- 51 O anfitrião agradece a participação, me convida para outro evento e pede que caso eu deseje escrever sobre a experiência, não revele os nomes dos participantes, apenas descreva as sensações do meu ponto de vista. Assenti, no sentido de garantir as notas etnográficas com os preceitos éticos de privacidade. Deixo o local, o sol se põe entre os prédios de Manhattan e entro no metrô, enquanto o percurso atravessa as paisagens, navego pelo Instagram e o perfil nova-iorquino que me seguia e me sugeriu a festa, posta uma foto com as meias que havia ido para a festa. Só consegui identificar quem era o homem que digitava sobre a tela do outro lado, quando vi na foto a meia azul marinho soquete. Não consigo saber se ele me conheceu como participante, mas depois do olhar que me deu começou a fazer mais sentido, somente depois, com o cheiro na lembrança.

Considerações finais

- 52 Assim, estas notas etnográficas *on-line* e *off-line* contornam os espaços do chão, seja em ambiente *on-line* ou *off-line*, pois a produção do desejo e os significados do fetiche aparecem nas expressões e nas interações que começam dos pés para cima. Aos pés dos homens, entre as solas e os dedos. A busca pelo fetiche da podolatria masculina se apropria da internet pelo caminho mais curto e estratégico em rede, assim como, pela

vazão dos desejos dissidentes e das eróticas do nojo. Porém, isso não parece tornar a busca maior do que o encontro em si, porque o prazer, embora goze das imagens e dos vídeos atravessados em mídias digitais, efetua na expectativa a subjetivação do corpo presente nos movimentos do desejo, compondo o que chamo de *performance da adoração*.

- 53 Em um esboço das relações *on-line* do fetiche, a maioria dos usuários está em São Paulo, têm entre 18 a 29 anos, preferem o tamanho do pé da numeração 40 a 44, com a forma das meias e com o cheiro do chulé. No entanto, não cabe ao escopo da pesquisa classificar ou identificar os tipos e as formas de reexplorar a sexualidade por meio do fetiche; pelo contrário, reconhecer a prática como possível para a redescoberta do corpo masculino em suas múltiplas afetações. Diante dos desdobramentos do ambiente *on-line* para o ambiente *off-line*, percebo três elementos importantes para a adoração: o tamanho do pé, a situação que dá início a construção da narrativa do desejo a partir do corpo e a intensidade do uso do calçado e da meia no atrito com o suor e/ou o cheiro provocado pelo chulé que agrada alguns adoradores.
- 54 Em algum grau, posso dizer que a prática desestabiliza a centralidade do prazer na genitália, abrindo horizontes para a redescoberta dos prazeres e das sensações. Tocar, cheirar e lambeir pés em *off* foi um desdobramento importante para a percepção da performance como agente do fetiche. O foco nas associações entre os prazeres e as sensações guinam aos outros contextos dentro dos dispositivos de normalização da sexualidade. O buraco está de fato, mais embaixo, na produção do desejo pelos pés. A língua abre devires, os pés abrem caminhos e o desejo não sabe ao certo para onde ir, encontra o pé para tatear os lugares onde ele foi.

BIBLIOGRAFIA

- Albuquerque Junior, Durval Muniz de. 2013. O que quer e o que pode esta língua?: narrativas do corpo na poesia e na prosa de Glauco Mattoso. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 7, n. 10: 241-268.
- Bourcier, Marie-Hélène. 2014. Bildungs-post-porn: notas sobre a proveniência do pós-pornô, para um futuro do feminismo da desobediência sexual. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 8, n. 11:15-38.
- Butler, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira; 2016.
- Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. O Anti-Édipo. Rio de Janeiro; Imago, 1976.
- Díaz-Benítez, María Elvira. 2015. O espetáculo da humilhação, fissuras e limites da sexualidade. *Mana*, v. 21, n. 1: 65-90.
- Facchini, Regina; Machado, Sarah Rossetti. 2013. Praticamos SM, repudiamos agressão: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), n. 14: 195-228.
- Foucault, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro; Graal, 1988.

- Foucault, Michel. 2004. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. *verve*, n. 5: 1-18.
- Freud, Sigmund. 2016 [1927]. "O Fetichismo". In: S. Freud (org.) *Inibição, sintoma e angústia: o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929) – Obras completas*. Tradução Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 302-310.
- Gregori, Maria Filomena. 2008. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. *Revista de Antropologia*: v.51, n. 2: 575-606.
- Hart, Lynda. *Between the body and the flesh: performing Sadomasochism*. New York; University Press, 1998.
- Hine, Christine. *Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday*. Huntingdon; Bloomsbury Publishing, 2015.
- Kozinets, Robert. *Netnografia: realizando uma pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre; Penso Editora, 2014.
- Leitão, Débora Krischke; Gomes, Laura Graziela. 2017. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. *Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia*, v. 1, n. 42: 41-65.
- Leitão, Débora Krischke; Gomes, Laura Graziela. 2018. Gênero, sexualidade e experimentação de si em plataformas digitais on-line. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v. 18, n. 1:171-186.
- Mattoso, Glauco. *Manual do podólatra amador*. São Paulo; Editora Expressão, 1986.
- McClintock, Anne. 1993. "Maid to Order: Commercial S/M and Gender Power". In: GIBSON, Pamela; GIBSON, Roma (orgs.) *Dirty Looks*. London; British Film Institute.
- Miller, Daniel; Horst, Heater. 2012. (org.) *Digital Anthropology*. Londres; Berg.
- Miskolci, Richard. 2013. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, n. 1: 301-324.
- Miskolci, Richard. *Desejos digitais: uma análise sociológica por parceiros on-line*. São Paulo; Autêntica, 2017.
- Parreiras, Carolina. 2012. *Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online*. *Cadernos Pagu*, n. 38: 197-222.
- Parreiras, Carolina. 2008. *Sexualidades no pontocom: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Pelúcio, Larissa. 2016. Afetos, mercado e masculinidades contemporâneas: notas iniciais de uma pesquisa em aplicativos móveis para relacionamentos afetivos/sexuais. *Contemporânea*, v. 6, n. 2: 309-333.
- Pelúcio, Larissa. 2020. Um match com os conservadorismos: masculinidades desafiadas nas relações heterossexuais por meios digitais. *Interfaces Científicas-Educação*, v. 8, n. 2: 31-46,
- Perlongher, Nestor. *O Negócio do Michê*. São Paulo; Brasiliense, 1987.
- Porchat, Patrícia; Godeguez, Vinicius. 2017. O corpo, o dildo, a carne e o fetiche: Preciado com Freud. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 24, n. 1: 105-119.
- Preciado, Beatriz. 2009. "Terror anal: apuentes para los primeros días de la revolución sexual". In: Hocquenghem, Guy. *El deseo homosexual*. España: Editorial Melusina, pp. 135-174.

- Preciado, Beatriz. Manifesto contrassexual. São Paulo; N-1 edições, 2014.
- Preciado, Paul B. Texto Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo; N-1 edições, 2018.
- Safatle, Vladimir. Fetichismo: colonizar o outro. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 2015.
- Segata, Jean. 2008. Da arte de se traduzir: Corporalidades e gênero nos mundos possíveis no ciberespaço. Campos-Revista de Antropologia, v. 9, n. 1: 159-176.
- Segata, Jean. 2014. A etnografia como promessa e o “Efeito Latour” no campo da cibercultura. Ilha Revista de Antropologia, v. 16, n. 2: 69-87.
- Zilli, Bruno. A perversão domesticada: BDSM e consentimento sexual. Rio de Janeiro; Papéis Selvagens, 2018.

NOTAS

1. Trecho extraído do verso da capa da primeira edição do livro autobiográfico “Manual do podólatra amador” (1986) de Glauco Mattoso lançado pela editora Expressão, SP.
2. A podolatria pode ser um fetiche atrelado ao sadomasoquismo (S/M) e as práticas de BDSM (bondage, disciplina, dominação, submissão, sadismo, masoquismo), sendo ambos grupos diferentes de produção de prazer.
3. Um aplicativo de administração de pesquisas que apresenta os recursos de documentos, planilhas e apresentações.
4. Na tradução do inglês, a *hashtag* pode ser lida como “pés masculinos”. É interessante perceber que embora sejam utilizadas outras *tags* em português por usuários brasileiros, a maior concentração de publicações sobre o tema aparece no inglês, apontando para uma possível prevalência dos usuários estrangeiros no Instagram. A *tag* “#pésmasculinos” possui cerca de 64k de publicações enquanto a *tag* “#malefeet” 739k até o dia 27 de março de 2020, podendo esses números aumentarem ou diminuir na medida em que os perfis interagem, criam ou apagam publicações sobre o fetiche. A letra k utilizada na rede social se refere a abreviação do número 1000, ou seja, são 64 mil e 739 mil, respectivamente.
5. Na tradução do inglês, a *hashtag* pode ser lida como “adoração de pés masculinos”. É uma *tag* que possui uma concentração de cerca de 100k, ou seja, 100 mil publicações até o dia 27 de março de 2020, podendo o número aumentar ou diminuir.
6. Segata (2014) traz o pensamento da etnografia nas considerações de Kozinets (2014) na netnografia e Hine (2015) da etnografia na internet; ambos os autores apontam reflexões interessantes para a percepção da internet como cultura e artefato cultural que dialogam bastante com o propósito deste trabalho, trazendo perspectivas interessantes sobre os aspectos metodológicos.
7. O site *My Friends Feet* foca na podolatria masculina e a produção do site lembra o pensamento de Parreiras (2012) sobre o *altporn* (pornografia alternativa).
8. Na tradução do inglês, significa “fetiche por esmagar”. Tipo de modalidade do fetiche da podolatria que consiste no prazer em ver pés esmagando objetos ou alimentos. É possível encontrar conteúdo desse tipo vinculado à pornografia em sites adultos na internet.
9. Na tradução do inglês, significa “pés de famosos”. Há uma rede social chamada *Wikifeet Men*, no qual conta com centenas de fotos e vídeo de pés de homens famosos que podem ser avaliados pelos usuários em até cinco corações. As categorias são divididas entre nome, popularidade, tamanho, nacionalidade e idade. Por exemplo, o pé do ator Chris Hemsworth possui a avaliação 4,99, ou seja, cinco corações, tamanho 12 US, o equivalente a 44 no Brasil.

10. Diante das cenas da televisão, podemos destacar a encenação de atores em papeis e cenas que mostram os pés em telenovelas, a reprodução de cenas de *reality shows* em que os participantes são vistos com closes das câmeras nos pés e programas em que o convidado precisa participar de alguma “prova” e precisa tirar os sapatos no palco; um exemplo disso era o quadro muito famoso da “Banheira do Gugu” no Programa do Gugu, reproduzido pelo canal do SBT.
 11. Nesse ponto, vale um destacar um comentário interessante sobre o dispositivo do cinema e a subjetividade do podólatra, como é o caso do diretor Quentin Tarantino que em diversos filmes explora o fetiche da podolatria pelos pés femininos, inclusive, o ato foi assumido em público. É possível ver o fetiche nos filmes: “Um drink no inferno” (1996), “Pulp Fiction” (1994), “Jackie Brown” (1997), “Kill Bill” vol. 1 (2003), e “À prova de morte” (2007).
 12. Abreviação feita pelo próprio interlocutor na resposta escrita, referente a palavra beijar.
 13. Abreviação feita pelo próprio interlocutor na resposta escrita, referente a palavra hoje.
 14. Na tradução do inglês, significa “pés descalços”. O termo aparece também como meio de busca para vídeos em sites pornográficos sobre a podolatria masculina.
 15. Na tradução do inglês, significa “Festa de pés masculinos da cidade de Nova York”.
 16. Link para acesso na página do site: <<http://www.footmennyc.com/>>.
 17. Aplicativo que oferece um serviço gratuito de pesquisa e visualização de mapas e imagens de satélite da Terra.
 18. Um tipo de prática que consiste em alguém conseguir ter prazer sexual através da observação de pessoas.
-

RESUMOS

Estas notas etnográficas começam do chão, mais precisamente, dos pés. De março de 2019 a março de 2020, acompanhei a produção do desejo em torno do fetiche da podolatria masculina em redes sociais, nos grupos do Facebook e nos perfis do Instagram, alcançando as interações em rede no Brasil e nos Estados Unidos. Para tanto, foram extraídos dados dos ambientes *on-line* por meio da análise de 55 questionários, levantados através dos usuários brasileiros, no sentido de perceber os prazeres nas formas da dominação e submissão na *performance da adoração* na podolatria. Assim, a maioria dos usuários está em São Paulo, possui entre 18 a 29 anos, prefere o tamanho 40 a 44, com a textura das meias e cheiro do chulé. Embora se concentre no ambiente *on-line*, a análise das práticas se desdobra para o ambiente *off-line*, expandindo diário de campo e a observação em rede para uma tarde lambendo pés em Nova Iorque.

These ethnographic notes start from the ground, more precisely, from the feet. From March 2019 to March 2020, I followed the production of desire around the fetish of male foot fetishism on social networks, Facebook groups and Instagram profiles, reaching network interactions in Brazil and the United States. For that, data were extracted from online environments through the analysis of 55 questionnaires, surveyed by Brazilian users, in order to perceive the pleasures in the forms of domination and submission in the *performance of worship* in foot fetishism. So, most users are in São Paulo, between 18 and 29 years old, prefer size 40 to 44, with the texture of the socks and the smell of foot odor. While focusing on the online environment, the analysis of practices unfolds for the offline environment, expanding field diaries and network observation for an afternoon licking feet in New York.

ÍNDICE

Keywords: gender and sexuality, ethnography, fetishism, masculinities, footjob

Palavras-chave: gênero e sexualidade, etnografia, fetichismo, masculinidades, podolatria

AUTOR

RIBAMAR JOSÉ DE OLIVEIRA JUNIOR

Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Especialista em Gênero e Sexualidade na Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). E-mail: ribamar@ufrj.br.

ORCID: <http://orcid.org/000-0002-5607-2818>.